



Tipo de parto não influencia a vida sexual da mulher, diz estudo

Estudo da USP seguiu 831 mães; corte na área genital também não tem impacto após seis meses

Folhapress

O tipo de parto influencia na sexualidade da mulher após o nascimento do bebê? Um novo estudo da USP que acompanhou 831 mães por quase dois anos diz que não. O trabalho avaliou partos normais (com ou sem cortes) e cesáreas e derrubou o mito de que, por preservar a região genital, a cesariana favorece a retomada da vida sexual.

“No Brasil é comum essa conversa de que o parto normal estraga o ‘playground’ do marido. A pesquisa mostra que a cesárea não traz nenhuma vantagem, não traz nenhuma proteção”, afirma a médica Simone Diniz, professora do departamento de saúde materno-infantil da USP.

O estudo, publicado no periódico ‘Journal of Sexual Medicine’, também gerou controvérsias entre as ativistas do parto humanizado ao apontar que a episiotomia (corte na região que fica entre a vagina e o ânus) não traz impacto à sexualidade.

“Mulheres submetidas a episiotomias relatam dor por anos. É difícil pensar em uma vida sexual plena sentindo dor”, afirma a obstetrix Ana Cristina Duarte, coordenadora do Gama (Grupo de Apoio à Maternidade Ativa).

Para o ginecologista Alexan-

dre Faisal-Cury, pesquisador do Departamento de Saúde Preventiva da USP e autor principal do estudo, a episiotomia pode trazer algum impacto logo após o parto, mas isso tende a melhorar após os seis meses — as mulheres foram avaliadas entre seis e 18 meses após o parto.

A mesma opinião tem o médico obstetra Jorge Kuhn, defensor do parto normal sem episiotomia. “Após os seis meses, a maioria já se recuperou (da episiotomia). Mas há casos em que a dor pode persistir por anos”, afirma.

Isso depende, entre outros fatores, do tipo de corte sofrido durante o parto. Os que envolvem lacerações profundas da musculatura vaginal ou que atingem a região anal tendem a ter uma recuperação mais difícil.

LIMITAÇÕES — As mulheres que participaram da pesquisa tiveram seus filhos na rede pública de saúde de São Paulo. Tinha 25 anos, em média. As entrevistas aconteceram antes do parto e ao longo de 18 meses após o nascimento do bebê.

Quase um terço das entrevistadas (32%) foi submetida a cesáreas. Entre as que tiveram parto normal, 16% passaram por episiotomias.

Até três meses depois de o



Marlene Bergamo/Folhapress

A funcionária pública Luciana Cunha, 33, que foi submetida a uma episiotomia no parto

bebê nascer, só uma a cada cinco entrevistadas tinha retomado a vida sexual. “É perfeitamente normal haver um declínio nesse período, é uma fase de ajuste na vida do casal”, afirma Faisal. Depois dos seis meses, 87% das mulheres relataram desejo sexual, mas 21% se queixaram de que ele era inferior ao que sentiam antes da gravidez.

Para a psiquiatra Carmita Abdo, coordenadora do Projeto Se-

xualidade, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, a queixa é comum. “A libido, o afeto e a atenção da mulher ficam direcionadas para o bebê.”

Para o autor da pesquisa, tanto o desejo quanto o prazer feminino após a maternidade podem ser influenciados por outros fatores, como imagem corporal, saúde mental e situação do casamento.

O trabalho tem algumas limitações, como não ter questionado sobre a sexualidade antes da gravidez. “Se elas já tinham uma vida sexual ruim antes, continuará ruim depois do bebê”, pondera Carmita.

Também há a hipótese de que muitas mulheres não se sintam confortáveis em falar de sexo, o que comprometeria os resultados. “Sexualidade ainda é tabu”, diz Kuhn.

‘Desde que minha filha nasceu, não tenho vida sexual’

O fato de o estudo da USP não ter apontado impactos da episiotomia (corte na região genital) na vida sexual dos casais causou controvérsia entre grupos de mães críticos ao procedimento. A funcionária pública Luciana Cunha, 33, por exemplo, afirma que não consegue ter relações sexuais com o marido desde que a filha nasceu, há um ano e meio, em função da episiotomia.

“Tive uma gravidez tranquila, acompanhada por uma doula. Ficamos em trabalho de parto em casa e só fui para a maternidade quando já estava pron-

ta para ter a minha filha. Estava com dez centímetros de dilatação. A enfermeira que me examinou até brincou: ‘Chame o doutor que ela está nascendo.’

Minha obstetra estava de férias e fui atendida por um médico de plantão. Ele foi taxativo: ‘Se não nascer em duas horas, vou tirá-la daí.’ Após duas horas e dez minutos, ele iniciou o parto. Alargou com a mão o meu períneo, provocando uma laceração. Depois, disse que precisava fazer a episiotomia, mesmo contra a minha vontade.

Senti muita dor. Não foi um corte grande, mas fiquei trauma-

tizada. Até hoje, quando me lembro do parto, fecho as pernas por instinto. Tenho pavor só de pensar em voltar ao hospital e cruzar novamente com aquele médico. Pensei em processá-lo, mas o terror de ter que me encontrar com ele frente a frente foi maior do que o meu desejo de justiça.

Desde que a minha filha nasceu, não consigo pensar em ter relações sexuais com o meu marido. Isso já faz um ano e meio. O medo de voltar a sentir dor é algo que me paralisa. Estou fazendo tratamento psicológico para tentar superar isso e tocar a vida.” **(Folhapress)**